



PALAVRAS E IMAGENS PARA UMA FILOSOFIA PÓS-HUMANISTA¹

PALABRAS E IMÁGENES PARA UNA FILOSOFÍA POSTHUMANISTA

WORDS AND IMAGES FOR A POST-HUMANIST PHILOSOPHY

Victa de Carvalho² 

Ludimilla Carvalho Wanderle³ 

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Resumo: Construir uma filosofia do tempo e uma arquitetura do mundo baseados na imanência é a tarefa do livro: *Futuros menores: Filosofías del tiempo y arquitecturas del mundo desde Brasil*, de Luz Horne. Ao fazer do tempo o operador das multiplicidades, a autora empreende um gesto estético e político sobre contos, ensaios, curadorias, filmes, arquiteturas e objetos de arte que promovem um deslocamento em relação aos lugares epistemológicos e de saberes organizados historicamente sob a lógica da modernidade, construindo um pensamento latino-americano contemporâneo sobre o tempo e o espaço, que excede tanto eixos nacionais quanto regionais, ultrapassa as marcas coloniais e modernas, e se estabelece como lugar de invenção e de produção de conhecimento. A proposta assume a compreensão de uma temporalidade associada ao corpo e à matéria, na qual o Brasil é o cenário para observar a crise política e ecológica mundial, as falências do modelo eurocêntrico e as diferentes proposições supostamente capazes de contorná-las. Trata-se de uma visada que almeja perceber, nesse recuo histórico a projetos artísticos do século XX, os germes de uma temporalidade dissidente, em vias de expressar os desejos latentes de uma epistemologia pós-humanista por vir.

Palavras-chave: Literatura brasileira; Arquitetura brasileira; Filosofia; Tempo; Espaço.

¹ Resenha do livro de Luz Horne, *Futuros menores: filosofías del tiempo y arquitecturas del mundo desde Brasil*. Santiago: UHA Ediciones, 2021.

² Doutora em Comunicação e Cultura pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGCOM-ECO/UFRJ). E-mail: victacarvalho@gmail.com

³ Doutora em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco (PPGCOM-UFPE). Pós-doutoranda em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Bolsista convênio Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq (processo 150915/2023-3) e FAPERJ - Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (processo SEI-260003/005791/2022). Email: ludimillacw@gmail.com.

Resumen: Construir una filosofía del tiempo y una arquitectura del mundo basadas en la inmanencia es la tarea del libro: *Futuros menores: Filosofías del tiempo y arquitecturas del mundo desde Brasil*, de Luz Horne. Al hacer del tiempo el operador de multiplicidades, la autora emprende un gesto estético y político sobre cuentos, ensayos, curadurías, películas, arquitecturas y objetos de arte que promueven un desplazamiento en relación a lugares epistemológicos y de conocimiento históricamente organizados bajo la lógica de la modernidad, construyendo un pensamiento latinoamericano contemporáneo sobre el tiempo y el espacio, que excede los ejes nacionales y regionales, va más allá de las marcas coloniales y modernas, y se establece como lugar de invención y producción de conocimiento. La propuesta asume la comprensión de una temporalidad asociada al cuerpo y a la materia, en la que Brasil es el escenario para observar la crisis política y ecológica global, las fallas del modelo eurocéntrico y las diferentes propuestas supuestamente capaces de sortearlas. Es una visión que pretende percibir, en este retorno histórico a los proyectos artísticos del siglo XX, los gérmenes de una temporalidad disidente, en el proceso de expresar los deseos latentes de una epistemología posthumanista por venir.

Palabras clave: Literatura brasileña; Arquitectura brasileña; Filosofía; Tiempo; Espacio.

Abstract: Building a philosophy of time and an architecture of the world based on immanence is the task of the book: *Futuros menores: Filosofías del tiempo y arquitecturas del mundo desde Brasil*, by Luz Horne. By making time the operator of multiplicities, the author undertakes an aesthetic and political gesture on short stories, essays, curatorships, films, architectures, and art objects that promote a displacement in relation to epistemological and knowledge places historically organized under the logic of modernity, building a contemporary Latin American thought on time and space, which exceeds both national and regional axes, goes beyond colonial and modern marks, and establishes itself as a place of invention and knowledge production. The proposal assumes the understanding of a temporality associated to the body and to matter, in which Brazil is the scenario to observe the world political and ecological crisis, the failures of the Eurocentric model and the different propositions supposedly able to circumvent them. This is a vision that aims to perceive, in this historical regression to artistic projects of the 20th century, the germs of a dissident temporality, in the process of expressing the latent desires of a post-humanist epistemology to come.

Keywords: Brazilian literature; Brazilian architecture; Philosophy; Time; Space.

DOI: [10.11606/issn.1676-6288.prolam.2023.211357](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2023.211357)

Recebido em: 30/04/2023
Aprovado em: 21/10/2023
Publicado em: 30/11/2023

“En mi lectura de la teoría pascaliana de las pasiones del alma, intentaba encontrar una subjetividad anticartesiana no realizada en la modernidad, una suerte de modernidad alternativa avant la lettre”
(HORNE, 2021, p. 11).

O trecho destacado acima é parte da introdução do novo livro da pesquisadora argentina Luz Horne intitulado *Futuros menores: filosofías del tiempo y arquitecturas del mundo desde Brasil (2021)*. Seu interesse pelas chamadas modernidades alternativas vem desde a época de seu doutorado na Universidade de Yale, no qual já se observa a sua estima por uma literatura baseada em restos do real. Em *Futuros menores*, o ponto de partida é o tempo: um problema central para a epistemologia moderna ocidental, que assenta as suas bases em uma concepção de tempo linear, progressiva e unidirecional. Sob o olhar crítico contemporâneo de Horne, tal caracterização do tempo tem o poder de demonstrar não apenas a importância do papel da ciência como base do pensamento e do conhecimento na cultura chamada ocidental, mas também na instituição dos parâmetros que definem a experiência do tempo em cada época.

Para além de uma concepção racionalista do tempo, a autora vai buscar pelas teorias que fogem a essa estrutura homogênea, e promovem fissuras no tempo da física, dando a ver porções de tempo experienciado, vivido, sentido. Essa é a configuração temporal que interessa a Luz Horne: uma temporalidade inspirada na filosofia de Henri Bergson, concretizada nas materialidades, nas sensações, e nos corpos. Um tempo sentido como duração, imperfeito e variável, capaz de uma vertigem, não porque passa muito rápido, mas porque dobra-se sobre si mesmo para produzir um instante que dura.

A ligação entre ciência e tempo, sabemos, é basilar para a noção de Modernidade, seja esse termo utilizado como uma retórica especificamente europeia (de valores como racionalismo, individualismo, antropocentrismo) disseminada a partir de meados do século XV, ou para designar formas culturais, que, a partir de uma recusa a certas tradições,

almejam uma renovação formal. Nas duas concepções, o tempo contínuo e regular, quantificável e verificável cientificamente, articula passado, presente e futuro através de uma compreensão de que ser moderno é estar à frente, avançar em direção a algo melhor, a um estágio de aperfeiçoamento, deixando para trás o atraso, o resto, o obsoleto, o que não serve mais. Na contramão dessa configuração teórica, Luz Horne vai colocar em marcha um pensamento que, desde a América Latina em seu sentido geopolítico, atravessa e excede o regional e o nacional para além de suas próprias fronteiras, sobretudo, para ultrapassar os territórios associados aos grandes sistemas da razão e do conhecimento. Esse é um livro que reafirma o protagonismo da América Latina como lugar de produção crítica e teórica, capaz de desestabilizar lugares de saber e poder historicamente instituídos, para mobilizar outras epistemologias, na esteira de uma intensa produção teórica que vem, ao longo dos últimos 10 anos, abordando temáticas concernentes à América Latina desde a biopolítica, os pós-colonialismos, os novos materialismos, o perspectivismo ameríndio, os pós-humanismos, os feminismos, dentre muitas outras abordagens que visam a uma alternativa ao pensamento dominante, a partir da inclusão de uma dimensão afetiva no modo de produzir conhecimento, que integra os corpos e as experiências na construção de epistemologias que, se observadas de modo anacrônico, servem de modo notável a nossa contemporaneidade.

O Brasil torna-se o cenário através do qual é possível observar a crise política e ecológica mundial, as falências do modelo eurocêntrico em diversos níveis, bem como as diferentes proposições que se dizem capazes de contorná-las. Seja no desejo de conectar territórios periféricos e centrais, como ocorre, por exemplo, nas proposições do Modernismo brasileiro no começo do século XX (com expressões na literatura, artes plásticas, teatro, arquitetura), seja na própria ideologia desenvolvimentista do Estado brasileiro dos anos 1950, calcada em projetos de urbanização (como a construção de Brasília), nos esforços de industrialização e nas marchas em direção ao Norte do país para levar o progresso, a ideia de modernidade

associada ao progresso se faz presente. Contudo, conforme nos mostra o livro de Luz Horne, se a Modernidade enseja determinada percepção do espaço-tempo que responde a um projeto de mundo voltado a um futuro como progresso tecnocientífico, ela produz também modernidades outras que desafiam os valores dominantes, e que surgem justamente como rachaduras nesse tempo linear: objetos culturais que expressam o tempo experienciado, vivido e sentido, e portanto, um tempo bifurcado, passado e presente, descolonizado, intervalar e menor.

Luz Horne vai encontrar na literatura e na arte os objetos culturais que filosoficamente representam esse tempo não racional, não linear. Expressões da cultura brasileira que se mostram como desvios do tempo científico, de uma modernidade que aponta para um futuro de ordem e progresso. Contos, romances, ensaios, experiências antropológicas, filmes, projetos arquitetônicos, exposições de arte, performances, instalações, produzidos nos séculos XX e XXI que dão conta de outros modos de saber, viver, criar, entender, imaginar. Essas formas culturais e estéticas dissidentes apontam *futuros menores*, seguindo a conotação dada ao termo “menor” por Deleuze e Guattari (2002).

É determinante para Horne se voltar justamente para as sobras, ou como aponta em seu texto, para “*os escombros deixados pelo progresso em sua marcha*” (HORNE, *Ibidem*, p. 29). Assim, reconfigurando as noções de sobra e lixo, em um capítulo de fôlego, ela discute a prosa de Guimarães Rosa, no conto *As margens da alegria*, publicado no livro *Primeiras estórias* (1962), bem como os escritos e as produções arquitetônicas, artísticas e curatoriais de Lina Bo Bardi. Enquanto o conto de Guimarães Rosa narra as impressões de um menino que viaja à Brasília ainda em construção e vê seu deslumbramento com a natureza do centro-oeste se chocar com as máquinas do progresso, que para construir a cidade, vão derrubando, consumindo o meio ambiente, a “arquitetura pobre” de Lina Bo Bardi se torna o grande trunfo para a defesa por um caminho alternativo, denominado caminho da grossura, que inclui o popular no modo de imaginar o mundo, instaura um programa que valoriza uma

estética dos resíduos, e tem no lixo a matéria-prima para o seu desenvolvimento. Optar por esse caminho, é escolher a alternativa capaz de projetar outros futuros, que em uma virada epistemológica, transformam não apenas o modo de perceber o popular, mas também o modo de habitar o mundo.

Em uma perspectiva anacrônica que conjuga passado e futuro no presente, Luz Horne se volta para os documentários *Boca do Lixo (1997)* e *Jogo de cena (2007)* de Eduardo Coutinho, vistos em continuidade com a “estética da fome” de Glauber Rocha, e que relacionam palavra, corpo e imagem contrariamente à estrutura cinematográfica da narrativa linear e descritiva. São filmes que estabelecem uma disjunção entre imagem e palavra para oferecer um olhar indeterminado, capaz de se abrir a um tempo múltiplo, que faz da imagem cinematográfica o brilho de uma luz menor, um vaga-lume que sobrevive em meio aos restos encontrados no lixo do mundo.

Na segunda parte do livro, Luz Horne se lança ao estudo das ficções teóricas do artista, jornalista, etnólogo, arquiteto e cientista Flávio de Carvalho: *Os ossos do mundo (1934)*, *Os Gatos de Roma/Notas para a reconstrução de um mundo perdido (1957-8)* e *Diários amazônicos/On the Frontiers of Danger (1958)* este último, um texto inédito. Destaca as reflexões de Carvalho sobre seu projeto artístico e filosófico baseado em uma arqueologia dos resíduos históricos - os chamados “ossos do mundo”. De espírito inquieto e comportamento provocador, Flávio de Carvalho valorizava a criação vinda da intuição e livre de preconceitos, buscando articular suas atividades (que iam da pintura à moda, passando pelo desenho, performance, intercâmbio de grupos de artistas e organização de exposições) à percepção de uma identidade cultural local. Sua “psicoetnografia” abre caminho para o descentramento do humano, sustentada em uma teoria estético-epistemológica experimental em busca de “um pré-anímico, pré-histórico e pré-linguístico” (HORNE, *Ibidem*, p. 198), que vai encontrar na selva a base, a origem que marca um tipo de vínculo do homem com o próprio homem, com os animais e com a

natureza, no qual a afetividade se estabelece como a estrutura. Ao privilegiar o sensível e o corporal, Flávio de Carvalho pode ser considerado como um precursor para o pensamento contemporâneo que busca escapar das dicotomias do pensamento moderno.

No jogo do anacronismo instaurado ao longo do texto, a autora discute, por fim, os trabalhos do artista sul-africano, William Kentridge, de quem analisa a performance *Refuse of hour* e a instalação *The Refusal of Time*, para tecer uma ligação entre o tempo moderno e o tempo colonial, o filme *Serras da desordem* (2006), de Andrea Tonacci, e o romance *Dentes negros* (2011), de André de Leones. São obras que aparecem no texto de Horne como relatos de catástrofes que produzem um tipo de sobrevivência alternativa aos projetos societários capitalistas, consumistas, em versões mais contemporâneas dos imperativos da Modernidade. Observados a partir de um olhar crítico, são obras que desafiam, de diferentes modos, a noção de tempo moderno, explorando seu vínculo com os colonialismos. A montagem como estratégia política aparece na performance de Kentridge a partir da superposição de variadas mídias, imagens e corpos, e também no filme de Tonacci, com a inserção de material de arquivo, com a refilmagem e com o uso de uma estética relativa ao chamado cinema direto. De modo conflituoso, essas obras fazem convergir diversas temporalidades, e instauram uma perspectiva capaz de simultaneamente desconstruir as narrativas históricas dominantes que se instituíram como sistemas de controle político sobre os corpos, e imaginar um futuro, menor, em descontinuidade com uma ideia de futuro evolutivo e monumental, que assume valor de resistência. Trata-se de sair em busca das pequenas luzes que insistem em ressurgir, mesmo em momentos de horror e catástrofe, em que o fim do mundo está anunciado e em curso, de instantes capazes de durar e com isso nos deixar ver outras formas de viver em comum.

Futuros menores propõe uma filosofia sobre o tempo, a partir da experiência artístico-cultural brasileira, sendo um projeto simultaneamente intelectual e político, pois de modo mais amplo, problematiza as

hierarquias culturais, epistêmicas, estéticas, socioeconômicas e políticas. Ao apostar no tempo como um problema filosófico, questiona a abordagem da questão como exclusivamente científica. As proposições do livro aproximam-no de trabalhos de outrxs pesquisadorxs latino-americanxs que confrontam a hegemonia do pensamento moderno ocidental a partir de disciplinas como a estética, a história, a política, a sociologia, localizando justamente na produção crítica do Sul Global, as alternativas ao eurocentrismo no pensar, classificar e experienciar o mundo.

Com sua pesquisa, Luz Horne coloca um problema essencial, mas não exatamente novo: o equívoco empreendido pelo Pensamento de identidade europeia, de que a América Latina é um objeto de estudo, mas não possui autoridade para ocupar o lugar da produção intelectual internacional. Seu trabalho se configura como um gesto de reviravolta teórica dessa lógica, dando continuidade e ampliando debates feitos a partir de uma identidade geopolítica marcada pelos estudos de “colonialidade” (QUIJANO, 1992), de modo que os projetos culturais discutidos ao longo do livro devem ser vistos não como rupturas localizadas somente *desde Brasil*, mas como inseridos em uma tradição artística, de forte conotação política, que nasce das próprias condições estético-conceituais do moderno, situação compartilhada pelos demais países latino-americanos.

Ao longo das 298 páginas que compõem *Futuros menores* temos uma leitura particular e situada a partir de uma experiência de latinoamericanidade de obras importantes da cultura brasileira, acompanhadas de 49 imagens, grande parte delas pertencentes a arquivos de relevantes instituições e acervos de arte. Este trabalho constitui uma valiosa referência para investigadores de áreas diversas, tais como Artes, História da Arte, Comunicação, Arquitetura, Sociologia, Antropologia, Filosofia e Literatura. Este é o segundo livro de Luz Horne, que publicou anteriormente *Literaturas reales. Transformaciones del realismo en la literatura latinoamericana contemporánea* (2012), pela editora Beatriz Viterbo. Publicou também diversos artigos em importantes revistas das

áreas de Literatura e Artes, nos quais investiga a literatura latino-americana, a fotografia e o cinema documental, conectando filosofia, artes visuais e literatura brasileira. A autora é ensaísta e professora na Universidade San Andrés (Argentina), tendo atuado como pesquisadora visitante nas universidades de Edinburgh (Escócia) e Harvard (Estados Unidos), e como docente, nas universidades de Northwestern e Cornell, ambas, localizadas nos Estados Unidos.

Referências

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka**: para uma literatura menor. Lisboa: Assírio & Alvim, 2002.

HORNE, Luz. **Futuros menores**: filosofías del tiempo y arquitecturas del mundo desde Brasil. Santiago: UHA Ediciones, 2021.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad y Modernidad-racionalidad. *In*: BONILLO, Heraclio (comp.). **Los conquistados**. Bogotá: Tercer Mundo Ediciones, 1992, p. 437-449.